

MARÍA DE ZAYAS

DESENGANOS
AMOROSOS



TRADUÇÃO E PREFÁCIO DE
NUNO JÚDICE



Sibila
PUBLICAÇÕES

ERICEIRA

Título: *Desenganos Amorosos*

Título original: *Desengaños Amorosos*

Autora: María de Zayas y Sotomayor

Tradução e prefácio: © 2022 Nuno Júdice

Primeira edição original: às expensas de Matías de Lizao,
Saragoça, 1647

© 2022 Sibila Publicações

loja@sibila.pt

www.sibila.pt

www.facebook.com/sibilapublic

www.twitter.com/sibilapublic

Este livro pertence à Coleção Mulheres de Palavra.®

Sibila Publicações é uma chancela editorial de:

Nas Tuas Mãos Unip. Lda.

Ericeira, Portugal

Editores: Inês Pedrosa, Gilson Lopes

Revisão: Dulce Reis

Projecto gráfico, paginação e produção: Balzac Publicações | www.balzac.pt

Distribuição: Sibila/Above Below Comunicação e Marketing

Imagem de capa, pp. 2-3: Karl Ferdinand Sohn, *Torquato Tasso und die beiden Leonoren*,
1839. Museum Kunstpalast, Düsseldorf

Imagem p. 4: A autora. Desenho de G. Lopes inspirado em imagem de época (autor desconhecido)

1.ª edição: Abril de 2022

ISBN: 978-989-53486-1-9



DIRECCIÓN GENERAL
DEL LIBRO
Y FOMENTO DE LA LECTURA

A tradução desta obra recebeu
o apoio do Ministério da Cultura
e Desporto de Espanha

Reservados todos os direitos. Esta publicação não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo electrónico, mecânico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização escrita dos editores. Respeite o direito de autor. Diga não à cópia.

ÍNDICE

PREFÁCIO	9
NOITE PRIMEIRA	13
DESENGANO PRIMEIRO — A ESCRAVA DO SEU AMANTE	23
DESENGANO SEGUNDO — A MAIS INFAME VINGANÇA	60
DESENGANO TERCEIRO — O VERDUGO DE SUA ESPOSA	84
DESENGANO QUARTO — TARDE CHEGA O DESENGANO	107
NOITE SEGUNDA	131
DESENGANO QUINTO — A INOCÊNCIA CASTIGADA	140
DESENGANO SEXTO — AMAR SÓ POR VENCER	163
DESENGANO SÉTIMO — MAU PRESSÁGIO CASAR LONGE	199
DESENGANO OITAVO — O TRAIADOR CONTRA O SEU SANGUE	226
NOITE TERCEIRA	253
DESENGANO NONO — A PERSEGUIDA TRIUNFANTE	261
DESENGANO DÉCIMO — ESTRAGOS QUE CAUSA O VÍCIO	309

PARA O PRIMEIRO DIA do ano ficaram, na primeira parte do meu *Entretido Sarau*, concertadas as bodas da galharda Lísis com o galante D. Diego, tão ditoso em ter merecido esta sorte como prometiam as belas prendas da formosa dama e novas festas para as solenizar com mais aplauso. Mas quando as coisas não estão outorgadas do Céu pouco serve que as pessoas concertem se Deus não conceder; que como quem olha desapaixonado o que nos está bem, dispõe à sua vontade e não à nossa, embora nós sintamos o contrário. E assim, ou que fosse alguma desordem (como costuma suceder nos sumptuosos banquetes) ou o pesar de se considerar Lísis já em poder de estranho dono (e que por só vingar-se do desprezo que lhe parecia ter feito D. Juan amando a sua prima Lisarda, usurpando-lhe a ela as glórias de ser sua), mal disposta com dono estranho da sua vontade e já quase em poder do não apetecido deixou-se render a tão cruéis desesperos, castigando com verter pérolas aos seus divinos olhos, que amanheceu no outro dia a formosa dama com um mortal calor, e tão desalentada e rendida a ele, que os médicos desconfiando da sua vida, antes de lhe fazerem outros remédios ordenaram-lhe os importantes à alma, mandando-a confessar e receber o divino Sacramento como mais cordial medicina, e logo procuraram com sua ciência fazer as importantes ao corpo.

Com cuja alteração e novos cuidados cessaram as festas já ditas e voltou a alegria das passadas noites em choros e tristeza de sua nobre mãe e queridas amigas, que o sentiam comovidamente, e em principal D. Diego; e não há de que se maravilhar, pois quando se via

quase em posseção de sua beleza se encontrava temeroso de a perder para sempre.

Bem sentia o ingrato D. Juan ser ele a causa da enfermidade de Lísis, porque o frio de suas tibiezas eram o maior calor da dama, e sentia que faltasse no mundo uma estrela que lhe dava o ser (tal era a beleza e discrição de Lísis, junto com outras maiores virtudes de que era dotada); mas estava tão rendido à formosura de Lisarda que logo encontrava nela o consolo de sua pena, e embora muitas vezes propusesse, para alentá-la, fazer-lhe mais carícias, e com esta intenção a visitava, como Lisarda nunca se separava de sua prima, ao vê-la o afectuoso amante não se lembrava dos propósitos feitos.

Aumentava-se o mal de Lísis, faltando em todos a esperança de sua saúde, e mais à bem entendida senhora, que como era quem o sentia e sabia melhor as circunstâncias dele (porque umas vezes se encontrava já nas mãos da morte, e outras, embora poucas, com mais alívio), teve lugar o seu divino entendimento de operar na sua alma novos propósitos, embora a ninguém o desse a entender, guardando para o seu tempo a disposição de seu desejo, mostrando a D. Diego e demais família, quando se encontrava com melhorados acidentados, um honesto agrado com que enfrentava qualquer desejo, e só o tinham posto em vê-la com saúde.

Mais de um ano durou a enfermidade, com quedas e recaídas, sem se tratar em todo este tempo de outra coisa senão de acudir à presente causa, padecendo D. Diego o achaque de desesperado, tanto, que já quisera que de qualquer sorte fosse sua Lísis para estar seguro disso; mas se alguma vez o propunha encontrava na dama um desgosto agradável e uma resistência honesta com que o obrigava a pedir perdão por ter intentado tal.

Nesta ocasião trouxeram a Lísis uma formosíssima escrava ferrada no rosto; mas nem por isso o S e o ferro que esmaltava as suas faces manchava a sua beleza, e antes a descobria mais. Era moura, e seu nome Zelima, de galhardo entendimento e muitas graças, como eram ler, escrever, cantar, tocar, bordar, e sobretudo fazer excelentíssimos versos. Este presente fê-lo a Lísis uma sua tia, irmã de sua mãe, que vivia na cidade de Valência; e embora pudesse desdourar algo a estima de tal prenda o ser moura, temperava este género de decepção com dizer que queria ser cristã.

Com esta formosa moura se alegrou tanto Lísis que, usufruindo das suas habilidades e agrados, quase se esquecia da enfermidade, recebendo tanto amor que não era como de senhora e escrava, mas de duas queridas irmãs. Sabia muito bem Zelima granjear e atrair a si a vontade de Lísis, e Lísis retribuía-lo em querer-lhe tanto que quase nunca passava sem ela. Entretinha Zelima a sua senhora fazendo

alarde das suas habilidades, ora cantando e tocando, ora recitando-lhe versos, e outras vezes contando-lhe coisas de Argel, sua pátria; e embora muitas vezes a visse Lísis divertida e tão transportada que sem o sentir lhe caíam as lágrimas de seus divinos olhos, pensava Lísis que seriam memórias de sua terra, e uma vez que lhe perguntava a causa, respondia-lhe a discreta Zelima: «A seu tempo, senhora minha, o saberás, e te admirarás disso», com o que Lísis não a importunava mais.

Sarou Lísis, convalesceu Lísis e voltou o sol da sua formosura a recuperar novos raios, e logo que a viu D. Diego com inteira saúde quando voltou de novo às suas pretensões, falando a Laura e pedindo que cumprisse a palavra de lhe dar Lísis por esposa. Comunicou a discreta senhora com sua formosa filha o que D. Diego lhe tinha proposto, e a sábia dama deu a sua mãe a resposta que se podia esperar de seu obediente proceder, acrescentando que, porque chegavam os alegres dias de Entrudo, e neles se haviam de celebrar suas bodas, que tinha gosto em que se mantivesse outro divertido recreio como no passado, começando no domingo para que no último dia se desposasse, e que lhe desse licença para que o dispusesse.

Muito se alegrou sua mãe com a festa que queria fazer Lísis. Concedida licença para o ordenar, dispôs-se deste modo: em primeiro lugar, que haviam de ser as damas as contar suas novelas (e nisto acertou com a opinião dos homens porque sempre têm as mulheres como contadoras), e em segundo que os que referissem fossem casos verdadeiros e que tivessem nome de *desenganos* (nisto não sei se os satisfizes, porque como eles procuram sempre enganá-las, sentem muito que os desenganem).

Foi a pretensão de Lísis nisto lutar pela fama das mulheres, tão prostrada e abatida pelo seu mau juízo que poucos há que falem bem delas; e como são os homens os que presidem em tudo, jamais contam os maus pagos que dão, senão os que lhes dão; e embora o vejam, eles cometem a culpa e elas vão atrás da sua opinião pensando que acertam; que o certo é que não haveria más mulheres se não houvesse maus homens. Não falo com os que não o forem; que da mesma maneira que à mulher falsa, inconstante, leviana e sem reputação não se lhe há-de dar nome de mulher, mas sim de besta fera, assim o homem cordato, bem-intencionado e que sabe nos mesmos vícios aproveitar-se da virtude e nobreza a que está obrigado não será incluído na minha repreensão; mas falo dos que, esquecidos das suas obrigações, fazem diferente do que é justo. Estes tais não serão homens, mas monstros; e se todos o são, com todos falo, advertindo que as mulheres de que falarei neste livro não são das comuns e que têm por ofício e mesura o sê-lo, que essas passam por sevandijas, mas sim das não merecedoras de desditosos sucessos.

Tinha-lhe pedido a Lísis Zelima por mercê que lhe fosse concedido que os versos que se cantassem os desse ela (de que Lísis se folgou, por escusar-se desse trabalho), e que a primeira que desenganasse fosse ela; e Lísis imaginando que a petição não fosse casual, o teve por bem. E assim, nomeou para a primeira noite a Zelima, e depois dela a sua prima Lisarda, logo Nise, e depois dela Fílis. Para a segunda noite pôs em primeira sua mãe; segunda Matilde, e terceira e quarta a dona Luísa e dona Francisca (duas senhoras irmãs que havia pouco viviam em sua casa, a primeira viúva e a outra donzela, moças formosas e bem entendidas), e a terceira noite pôs primeiro a dona Estefânia (esta era uma prima sua, religiosa, que tinha com licença saído do convento para se curar de umas perigosas quartãs, e já sã delas, só aguardava para lá voltar que se celebrassem as bodas de Lísis), e ela tomou para si o último desengano, para que tivesse lugar para o seu desposório.

Ordenando isto, convidou todos os cavaleiros e damas citados na *Primeira Parte*, e muitos mais que vieram, avisados uns pelos outros. Com isto obteve-se licença do Núncio para que se desposassem sem admoestações, ou por mais em segredo ou por maior grandeza; que está já o gosto tão enfadado do antigo, que procuram o mais moderno e o têm por farsa. Preveniram-se músicos e cobriram as salas com ricas tapeçarias, sumptuosos estrados, curiosas mesas, vistosas cadeiras e tamboretas, alinhados braseiros (tanto de bons lumes como de diversos e cheirosos aromas), claros e resplandecentes candeeiros, muitas velas, e sobretudo saborosos e custosos acepipes, sem que faltasse o amigo chocolate (que em tudo se encontra, como a má ventura). Tudo tão no seu ponto, que a formosa sala não parecia senão abreviado céu, e mais quando começaram a ocupá-lo tantas hierarquias de serafins, preferindo a todas a divina Lísis, de negro com muitos botões de ouro: e embora a dama não fosse a mais linda de todas, pela gentileza e entendimento as superava.

Acomodados todos nos seus lugares, sem que faltasse dos seus o ingrato D. Juan e o ditoso D. Diego, e todos os homens descontentes de que por não lhes ser concedido o contar não podiam dar mostras de suas intenções (e talvez os que escrevem desejosos de se verem em ocasião de se vingarem; como se a mim me importasse algo, porque não lhes tiro o entendimento que Deus lhes deu, por tê-lo, se acaso escrever isto fosse presunção e não entretenimento), e as damas contentes de que lhes chegava a ocasião de se satisfazerem de tantos agravos como lhes fazem em sentir mal delas e julgar todas por uma, Zelima (que junto de Lísis estava) levantou-se, e fazendo uma cortês e humilde reverência (tendo prevenido os músicos do que tinham de fazer, como a quem tocava dar os versos) entraram numa sala, e os músicos deram princípio à festa com este romance:

Mentiroso pastorzinho,
que aos montes de Toledo
levaste minhas alegrias
e me deixaste meus ciúmes.

Dono de quem sou escrava
e a quem reconhece império,
por confrontação de estrelas,
meu cativo pensamento.

Deidade, a cujos altares
sacrificada em desejos,
a alma, vítima humilde,
é holocausto e incenso.

Que ditosa te entretém,
que, faltando ao prazo dado,
consentes que estejam meus olhos
banhados em choro terno?

Se os rigores de ausência
fizeram sorte em teu peito,
nem tu estarias sem mim
nem eu estivera com eles.

Se quando te despediste
calei a dor que padeço,
mas não por não a sentir.
mas para que fosses contente.

E com isto seguro
ignorando meus tormentos,
a rédea à ausência alargas,
pensando que não a sinto.

Volta a olhar-te nos olhos
a que chamas espelhos,
e vê-los-ás por tua causa
caudalosas fontes feitos.

Volta, e verás que as horas
as chamo séculos eternos;
os dias eternidades:
tanta é a dor que tenho.

Talvez à que te detém,
estando sem mim feliz,
deixarás dos favores
que nas minhas costas lhe fizeste.

E, pois, sem mim, te encontras,
posso chamar minhas alegrias
tributos, que o são ao tirar,
pois mos tiras tão depressa.

Céus me abrasam a alma.
Ai de mim! Valham-me, Céus!
Dai água depressa, olhos meus,
pois vedes que cresce o incêndio!

Mas é fogo de alcatrão
este em que estou a arder;
que mais se aviva a chama
quanto mais lágrimas verto.

Dizem alguns que são
os ciúmes de amor gelo;
mas em mim acabam por ser
abrasado vulcão Mongibelo.

Para que quero a vida?
Para quê repouso quero?
Ai zagalas do Tejo,
não anjos, senão Inferno!

Olhai que Salício é meu,
nele vivo e por ele morro,
e tirarem-mo é roubar
a alma a meu triste corpo.

Violentemente gozais
essa vida que possuo,
porque seus favores são
os bens únicos que tenho.

Ai Deus! A quem me queixo,
ou a quem estas lágrimas ofereço,
se meu ingrato Salício está tão longe?

Eu triste e ele contente;
ele gozando outros gostos, eu com ciúmes.
Como sou imortal Iseu,
pois não se me acaba este mortal veneno.

Longo lhes pareceu o romance aos ouvintes; mas como não sabiam o desígnio de Zelima, não imaginaram a causa. E não foi senão porque ela de propósito o tinha prevenido assim para ter lugar de fazer o que agora se dirá (além de que os músicos dos livros são mais piedosos do que os das salas dos senhores, que encurtam os romances, que lhes tiram o ser, e os deixam sem pés nem cabeça).

Aos últimos acentos dos versos finais saiu Zelima da sala, em tão diferente traje do que entrou, que a todos pôs em admiração. Trazia sobre uma camisa de transparente cambraia com grandes pontas e encaixes, as mangas muito largas da parte da mão, uns saiotos de pano dourado de flores azul e prata, com três ou quatro brilhos que tiravam a vista; tão curta que mal chegava às gargantas dos pés, e neles umas sandálias de muitos laços e fitas de seda muito vistosos. Sobre isto uma véstia ou gibão de outro tecido azul e prata muito vistoso, e presa ao ombro uma mantilha do mesmo tecido. Tinha o gibão ou véstia as mangas tão largas que igualavam as da camisa, mostrando os seus brancos e torneados braços com custosas argolas ou braceletes; os longos, ondulados e formosos cabelos (que não eram ouro nem ébano, mas de um castanho a puxar ao louro) estendidos pelos ombros (que lhe passavam da cintura uma vara) e apanhados pela frente com uma fita ou laço de diamantes, e logo preso à metade da cabeça um véu azul e prata que a cobria toda. A formosura, a elegância, a majestade dos seus airosos e concertados passos, não mostrava senão uma princesa de Argel, uma rainha de Fez ou de Marrocos, ou uma sultana de Constantinopla.

Admirados ficaram damas e cavaleiros, e mais a formosa Lísis, de a ver, e mais com adereços que ela não tinha visto, e não conseguia habituar-se ao artifício de sua escrava, e assim não fez mais do que calar e admirar-se (como todos) de tal deidade, porque a contemplava uma ninfa ou deusa das antigas fábulas. Passou Zelima até ao estrado, deixando as damas muito invejosas da sua acabada e linda beleza, e aos galantes rendidos a ela, pois houve mais de dois que, com os ferros do rosto, sem reparar neles a fizeram senhora e possuidora da sua pessoa e fazenda, e ainda se julgavam indignos de a merecer.

Fez Zelima uma reverência ao auditório e outra a sua senhora Lísis, e sentou-se em duas almofadas que estavam postas a meio do estrado (lugar previsto para a que havia de desenganar), e voltada para Lísis, disse assim:

— Mandaste-me, senhora minha, que contasse esta noite um desengano para que as damas se avisem dos enganos e cautelas dos homens para que voltem por sua fama em tempo em que a têm tão perdida que, em nenhuma ocasião, falam nem pensam delas bem (sendo o seu maior entretenimento dizer mal delas, pois nem comédia se representa nem livro se imprime que não seja todo em ofensa das mulheres, sem que se poupe nenhuma). E se bem que não tenham todos eles a culpa porque, tal como procuram as más para seus deleites, e estas não podem dar mais do que têm, procurarão as boas para admirá-las e louvá-las, encontrá-las-ão honradas, sensatas, firmes e verdadeiras; mas é tal nossa desdita e o mau tempo que alcançamos, que a estas tratam pior; e é porque, como as outras não precisam deles mais do que enquanto deles precisam, antes que eles tenham tempo de as tratar mal, dão-lhes com a cinza na cara.

Muitos desenganos poderia trazer, em apoio disto, das antigas e modernas desditas sucedidas a mulheres pelos homens. Quero passá-las em silêncio e contar-vos meus infelizes sucessos, para que, desenganada eu, não haja tantas perdas e tão poucas desenganadas. E porque o mesmo que contarei é a mesma repreensão, digo assim: